



A capa do disco é de Paulinho Jobim e conta em cores a história da faixa-título.

A livre suíte mateira de Tom Jobim

Tom Jobim resolveu romper com os esquemas tradicionais de composição musical e em Matita Perê apresenta um trabalho impregnado de liberdade. A proposta é o mato, a natureza. A briga é contra o concreto, a cidade.

Mário Palmério, Guimarães Rosa e Drummond de Andrade também estão presentes em Matita Perê. Citados e homenageados.

Tom Jobim está feliz com o trabalho desenvolvido no LP **Matita Perê**, gravado nos Estados Unidos, e com lançamento previsto para o início de maio. Depois desses anos todos de carreira pôde, finalmente, realizar uma coisa inteiramente livre, pessoal, não esquematizada, fora dos padrões da música tonal.

Ao todo são oito faixas, uma de autoria de Paulinho Jobim. O resto é música escrita por Tom, inclusive as trilhas sonoras para os filmes **Tempo de Mar**, de Pedro de Moraes, e **A Casa Assassinada**, de Paulo César Saraceni. **Águas de Março** é a única conhecida do grande público e recebeu um tratamento inteiramente novo.

Abstração

Em sua ampla casa no final do Leblon, o maestro comenta o disco. Mesmo condenando e classificando de falso qualquer raciocínio comparativo, ele diz que esse trabalho foi, entre todos já realizados, o mais livre.

— Isso aconteceu pelo fato de eu estar, há muito tempo, afastado da luta, do cenário, das apresentações públicas, das emissoras de televisão. Assim, tive tempo para a introspecção. Pode pensar com mais calma. Falar de coisas que estão fervilhando lá dentro, no fundo de mim mesmo. Até então eu havia gravado coisas em que eu acreditava, é claro. Melodias populares e aqui e ali uma nofinha no piano.

Matita Perê é um disco que já envolve outros problemas. Para o seu anticonvencionalis-

mo contribui a presença das trilhas sonoras, um material mais livre, fora do sistema de oito ou dezesseis compassos a que se obriga a música tonal, de dança, mais conhecida como comercial.

— No disco há uma espécie de uma suite mateira. **Meio Tempo de Mar** é uma coisa que não exclui o mar. O mar vai até o mar. Ou melhor, lá, hoje não vai mais. Quem vai são os edifícios.

O disco tem capa de Paulinho Jobim e é dedicado aos escritores Mário Palmério, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Paulo César Pinheiro, o letrista da faixa que dá título ao LP, usou frases suas. Do primeiro, cantiguinha distraída de urutu, do segundo, manhã noiteira e de Drummond, um estranho chamado João.

Uma das principais preocupações da vida de Tom é a destruição da natureza. Sempre andei muito no mar e é com fristeza que vejo o progresso acabar com as matas, florestas e bichos em todos os Estados do País. **Matita Perê** é um pássaro do sertão brasileiro que tem o costume de botar os ovos em ninho alheio. Tem um canto muito peculiar — a flauta o imita no disco — e esse canto esteve presente em toda a minha infância e adolescência. Você sabe, esse mundo da natureza se torna cada vez mais remoto. Com a destruição do habitat natural você cria o deserto.

Os críticos

Tom Jobim se diverte com os críticos que o acusam de ter traído as raízes brasileiras ao aliar-se ao jazz. São fantasmas, falta de informação. Harmonias consideradas de jazz vêm da música clássica, de Ravel e Debussy. E ele acredita, antes de tudo, que quando o negócio fica bom mesmo se transforma em linguagem universal.

Elogia, então, o trabalho de compositores como Gilberto Gil e Caetano Veloso que vêm resuscitando, aos poucos, nomes antigos da música popular brasileira. **Luís Gonzaga** é uma figura da maior importância. Ele tem o Nordeste todo em sua música. Está sempre com um pé na terra e outro no céu. Sabe, o folclore contém a alma de um povo, a barra da vida de um povo.

O maestro acredita que só as coisas boas, o sal da terra, permanecem vivas. Aquela coisa que é e sempre será verdade. Uma das grandes dificuldades dos músicos brasileiros é a falta de material de consulta. Música não é como literatura. Um livro esgota e cem anos depois você consegue um exemplar e reedita. Os discos, não. Envelhecem rápido e os trabalhos desaparecem.

Então esse negócio de ir buscar coisas antigas para gravar vai contribuir para a conservação de uma vasta documentação de toda uma época da música brasileira. Só assim você pode dar passado e futuro a um povo. Dói o coração quando você vê que coisas formidá-

veis de Pixinguinha, Lamartine, Assis Valente desapareceram no tempo. Reagir contra isso é dar tradição, em um sentido nada tradicional, ao povo.

A Fazenda

Tom Jobim voltou há um mês dos Estados Unidos e diz que, comparada ao Rio ou São Paulo, Nova York é uma fazenda. Nós já ganhamos deles em tudo: acidentes, assaltos, criminalidade, poluição. Lá você não vê ninguém, não tem carros nas ruas, é difícil encontrar uma construção.

Ele começou a trabalhar nos arranjos para o **Matita Perê** aqui no Brasil, em companhia de Dori Caymmi. A orquestração foi entregue ao norte-americano Klaus Ogerman, também responsável pela regência da orquestra. Dessa vez Tom não assumiu essas responsabilidades por uma razão simples — falta de tempo.

— Eu tinha que cantar e tocar violão. Além disso, a produção foi quase toda minha.

Aquele negócio de escolher os músicos certos. Se alternando na bateria e percussão estão dois brasileiros, O Airto Moreira, um cara que transa com todos os caras do free-jazz, e o João Palma, do Sérgio Mendes. No baixo, Ron Carter. Urbe Green no trombone, Harry Lookowsky chefiando o naipe de cordas são os outros mais destacados. Participaram do trabalho, ao todo, mais de trinta músicos.

Antes da eletrônica e dos estúdios de gravação com trilha e dois canais era difícil trabalhar com uma sinfônica e fugir do convencionalismo. Atual-

mente, o arranjador pode fazer uma flauta soar mais alto que seis metais. E só mexer nos botões da mesa de controle. E em **Matita Perê** Tom optou pela grande variedade de instrumentos para obter mais cor, apesar de reconhecer que um instrumental pequeno pode ser, às vezes, musicalmente mais rentável.

— Eu queria um som de couro, madeira, terra, barro, árvore, pássaro. E ninguém é obrigado a usar uma orquestra academicamente. Só se for um acadêmico. A orquestra é uma coisa elástica. Você pode usá-la criativamente. É como uma caixa de tintas, a gama de cores é vasta. Hermeto Pascoal, por exemplo, é um cara que ninguém pode chamar de convencional e grava às vezes com orquestra. Um exemplo foi o seu arranjo para orquestra no festival da canção. Uma coisa inteiramente livre. O coro se cismachava em gritos.

Em sua automóvel branco, a caminho do médico, Tom Jobim interrompe várias vezes a conversa para apontar a cor do mar. E diz que lhe sobra muito pouco tempo para apresentar-se em público. Todo o tempo é tomado pela produção dos discos, entrevistas e outras atividades profissionais.

— Mas um dia eu apareço,

Para obter um som de madeira, terra e barro Tom usou uma grande orquestra americana.



